

Oralidade multissecular do dialeto barrosão e a construção da identidade local e nacional

- Estudo fonético-fonológico e lexical -

Rui Dias Guimarães

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Centro de Estudos em Letras - CEL

Resumo

O estudo incide sobre o dialeto barrosão que assenta na oralidade, dialecto português situado no extremo norte da “área dos dialectos transmontanos e alto-minhotos” a confinar com o extremo sul do “galego central” (Lindley Cintra e Fernandez Rei 1992). O trabalho de campo abrange o aspecto fonético-fonológico e lexical, o primeiro com aplicação das clássicas regras da linguística funcional (Troubetzkoy 1949), (Martinet, 1965, 1967), (Barbosa 1994). Observaram-se trabalhos pertinentes (A. Lourenço Fontes (1972, 1977, 1992), Braga Barreiros (1915) Isaac Estravís (1999), (Leite de Vasconcelos, 1980, 1993, 1901, 1902, 1929), romances de Bento da Cruz (1963, 1964, 1967, 1973, 1991, 1992, 1996) e as nossas próprias recolhas, obtendo um corpus lexical com cerca de 2.647 entradas. Construímos, para o efeito um aparato crítico de 45 obras de referência que nos fornecia informação de espaço e no tempo. Das 2647 entradas do falar barrosão, não obtivemos qualquer referência a 647 que classificamos como termos de barroso ou barrosismos. O dialecto barrosão assenta no português antigo ou mesmo no galego-português, ilustrando o seu carácter matricial da língua portuguesa ou do galego, ainda detectável na oralidade, em certas regiões e estatutos sócio culturais.

Palavras-chave: Língua oral, dialectologia, lexicografia, lexicologia, etnolinguística, dialecto barrosão.

Abstract

This study focuses on the mainly oral-based Barrosão dialect, located in the extreme north of “the Transmontano and High-Minhoto dialects”, down to the extreme south of “central Galician” (Lindley Cintra e Fernandez Rei 1992).

The field research covers the phonetic-phonological and lexical aspects, the first with the application of the classical rules of functional linguistics (Troubetzkoy 1949), (Martinet, 1965, 1967), (Barbosa 1994). Relevant works observed include (A. Lourenço Fontes (1972, 1977, 1992), Braga Barreiros (1915) Isaac Estravís (1999), (Leite de Vasconcelos, 1980, 1993, 1901, 1902, 1929), the novels of Bento da Cruz (1963, 1964, 1967, 1973, 1991, 1992, 1996), and our own collections, providing a lexical corpus of about 2.647 entries. To this end, we constructed a critical apparatus of 45 works of reference which provided us with information on time and space. Of the 2647 entries of the Barrosão tongue, we had no reference to 647 which we classify as Barroso terms or Barrorisms. The Barrosão dialect originates from old Portuguese or even Galician Portuguese, illustrating its character as offshoot of the Portuguese language or Galician, a fact which can be detected in orality, in certain regions and sociocultural frameworks.

Key words: Oral language, dialectology, lexicography, etnolinguistics, Barrosão dialect.

1. INTRODUÇÃO

A natureza do problema que visamos abordar prende-se com o carácter de oralidade e de transmissão hereditária da língua e da cultura de uma comunidade cultural e linguística, na Região de Barroso, da qual resultou o dialeto barrosão, transmitido de geração em geração, em contexto familiar e informal, como uma variante local, a par do português padrão.

Representa um mosaico cultural e linguístico, com raízes assentes no início da formação da língua portuguesa, distinguindo-se a sua especificidade fonético-fonológica e lexical, tendo por base os estudos por nós realizados e por outros autores, e a necessidade da sua divulgação, tornando o seu conhecimento mais extensivo à comunidade científica especializada; por um lado, e por outro, fomentando o interesse nas pessoas dedicadas à cultura com raiz na tradição oral.

Como trabalho prévio, procedemos à identificação das características geográficas da região e à localização geolingüística, à análise dos primeiros estudos sobre esta matéria, recuando mesmo à *Gramática da Lingoagem Portuguesa* (Oliveira 1536), ao *Vocabulário Portuguez e Latino* (Bluteau 1712-1722), à “Quarta Parte da Grammatica Portugueza – Cap. I, “Dos Dialectos da Língua Portugueza” (Argote 1725), a *Carta Dialectológica do Continente Português* e o *Mapa Dialectológico Português* (Vasconcelos 1893, 1929), entre outras obras, bem como o *Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal continental* (Boléo 1958), a “Nova proposta classificação dos dialectos galego-portugueses” e *Estudos de Dialectologia Portuguesa* (Cintra 1974, 1984) e “Mapa dos dialectos portugueses e galegos” (Cintra e Rei 1992), a *História da Língua Portuguesa* (Teyssier 1980) e diversas obras etnográficas, com destaque para o Padre António Lourenço Fontes e, em literatura, um romance de Montalvão Machado e vários de Bento da Cruz, o maior escritor barrosão. Só nos interessavam as obras que continham léxico barrosão.

O propósito do presente estudo tem como intuito o alerta para o interesse científico da linguagem popular, da comunidade cultural e linguística, bem como da ciência do homem tradicional.

Estamos em crer que as suas contribuições irão reflectir-se num conhecimento mais detalhado da importância da oralidade, mais especificamente do dialeto barrosão e da sua importância como um dos mosaicos matriciais da língua portuguesa.

1. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E LINGUÍSTICA DE BARROSO

Situada em Portugal continental, no noroeste da província de Trás-os-Montes e Alto Douro, Barroso é uma sub-região do Alto Trás-os-Montes, NUT III, do Distrito de Vila Real, constituída por dois municípios, Montalegre, município raiano com 806 km² de área e 12762 habitantes composto por 35 freguesias e Boticas com 322 Km² divididos por 16 freguesias uma população de 6411 habitantes (sensos de 2001).

A totalidade da área geográfica de Barroso é de 1128 Km², com uma população que ronda os 19.173 habitantes (sensos de 2001).

É limitado a norte pela Galiza, municípios de Lobios, Muiños, Calvos de Randim, Baltar, Cualedro e Oímbra, a leste por Chaves, a sul por Cabeceiras de Basto, a sudoeste por Vieira do Minho e a oeste pelas Terras de Bouro.

Pode estabelecer-se uma divisão entre o Alto e o Baixo Barroso. Cerca de 26,26% do território do concelho de Montalegre integra o Parque Nacional da Peneda-Gerês, contribuindo com 211,74 km², concelho que contribui com maior área.

Zona de montanha com vários sistemas montanhosos de altitude elevada, como o Larouco, 1525 metros, Gerês, 1434 metros, Cabreira, 1262 metros, Barroso, 1275 metros e Leiranco, 1156 metros com vales do Baixo Barroso que apresentam altitudes mais baixas entre 300 e 600 metros.

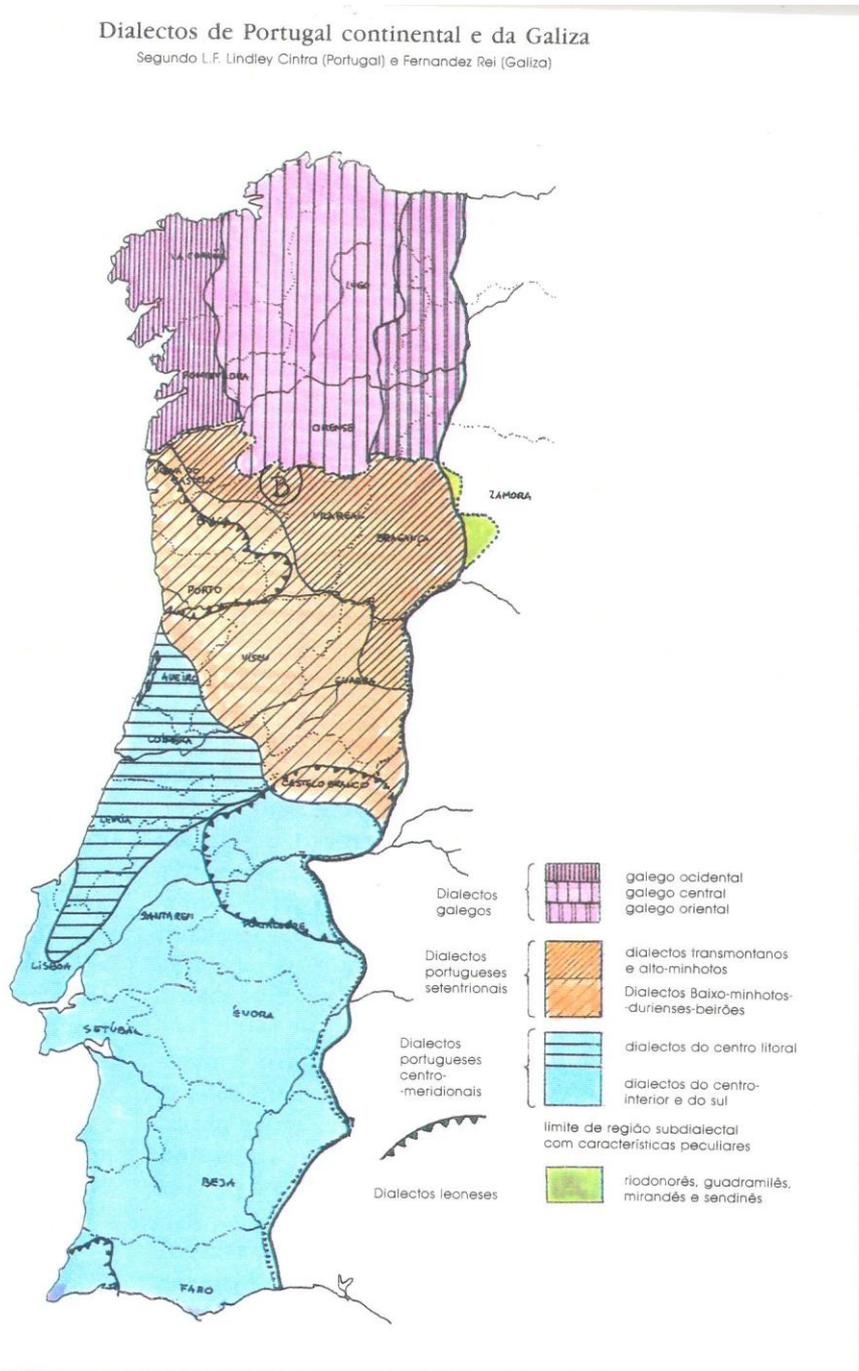
O clima regista grandes amplitudes térmicas, muito frio no inverno com fortes nevões e elevadas temperaturas superiores a 35° no verão. O planalto de Barroso regista uma pluviosidade média elevada.

Em termos geolinguísticos, e segundo o “Mapa dos Dialectos de Portugal continental e da Galiza” (MDPCG) publicado no *Atlas da Língua Portuguesa na História e no Mundo* (1992), inserido num estudo de Manuela de Barros Ferreira (1992) em que nos baseamos, integra a zona dos “dialectos transmontanos e alto-minhotos”, uma subdivisão da área dos “dialetos portugueses setentrionais” (Cintra e Rei 1992) transfronteiriça com a área dos dialetos ou variantes galegas, mais especificamente o “galego central”, uma subdivisão dos dialetos ou variantes galegas (idem).

No que respeita a área dos dialetos de Portugal continental, a proposta apresentada no “Mapa dos Dialectos de Portugal continental e da Galiza” (1992) inserida no *Atlas da Língua Portuguesa na História e no Mundo* (1992), assenta já no anterior mapa da “Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses” (Cintra 1984) com

origens na “Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses” (Cintra 1971a, 1983).

Por outro lado, são uma retoma da recolha mais antiga de materiais para o *Atlas Linguístico da Península Ibérica – ALPI* (1953) organizado em Espanha por T. Navarro Tomás e o investigador espanhol Aníbal Otero, e do lado português, Lindley Cintra.



Legenda: (B) Barroso, no Mapa dos Dialectos de Portugal continental e da Galiza (Cintra e Rei 1992)

2. PERCURSO DE ORALIDADES DO REGISTO LINGUÍSTICO DO BARROSO AOS PRIMEIROS REGISTOS ESCRITOS

Na sua generalidade, a variação, a oralidade e a mudança são já, entre nós, assinaladas pela *Grammatica da lingoagem portuguesa* (Oliveira 1536: 17), assim como o conceito dialeto no *Vocabulário Português Latino* (Bluteau 1712-1722) autor que viveu entre 1638-1734.

Fixando-nos nos “dialeto transmontanos e alto-minhotos”, em que se insere, e de um modo mais restrito, o dialeto barroso, e as alusões às especificidades linguísticas e culturais desta região, sobretudo no domínio da oralidade e de uma cultura popular característica, são já antigas e recorrentes.

No séc. XVIII, investigadores consideravam, nem sempre de um modo muito lisonjeiro essa variação e tradição oral, e passamos a transcrever: “há alguns lugares de Trás-os-Montes e Minho, nas rayas de Portugal, que são muito bárbaros e quasi que se não podem chamar Portuguez, mas só os usa as gentes rústicas da quelles lugares (Contador De Argote 1725: 295). Ora essa zona raiana incluiria, certamente, Barroso.

José Leite de Vasconcelos, em nosso entender, o fundador da dialectologia científica em Portugal, com sucessivos ensaios, em finais do séc. XVIII e primeiro quartel de XIX, entre outras obras, *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise* (Vasconcelos 1901), teve por base a oralidade e a tradição oral que foi recolhendo.

Já anteriormente, na *Carta Dialectológica de Portugal Continental* (Vasconcelos 1894) distingue o “subdialecto raiano” dentro do “dialecto transmontano”. Em *Opúsculos*, vol. IV (Vasconcelos 1929) inclui o ensaio “Línguas Raianas de Trás-os-Montes, Sucintas notas” e em *Opúsculos – Filologia*, vol. IV, parte 2ª (Vasconcelos 1929 b) apresenta mais um desenvolvimento e inclui o *Mapa Dialectológico de Portugal Continental* (Vasconcelos 1929) onde assinala já a “variedade de Boticas”, em Barroso, dentro do designado “Dialecto de Trás-os-Montes”.

No entanto, os registos captados da oralidade, no aspecto fonético-fonológico e lexical, eram ainda escassos, e o barroso, por definir e identificar.

Em *Opúsculos*, vol. VI, parte II - *Dialectologia* (Vasconcelos 1985) edição póstuma mas que estamos em crer que se reportará aos anos 30, apresenta um estudo linguístico, ainda que breve e à distância mas baseado na oralidade, sobre nove localidades de Barroso em que distingue seis fonemas diferentes do português padrão:

as vogais [ũ] centralizado mas menos que [ü] *tudo* [ˈtũðu], a vogal central [ö] no ditongo [öw], *pouca* [ˈpöwkø] por nós confirmadas, e a vogal [ë] que designa como guturalizada no ditongo [ëw] que não confirmamos, e a consoante africada dorsopalatal surda [tʃ] como na palavra *chega* [tʃøxø] e as consoantes fricativas pré-dorsoalveolares surda e sonora [ç] e [ʒ] como nas palavras *crossa* [krɔçø] e *casa* [ˈkazø]¹ por nós confirmadas.

Outros investigadores continuaram estes estudos, de que resultou o *Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental* (Boléo e Silva 1958) e, dentro dos dialectos, designavam já especificamente “Região de Barroso” que integravam no “Falar transmontano”, até chegarmos à definição actual dos “dialectos transmontanos e alto-minhotos” (Cintra 1974) e, finalmente, o *Mapa dos Dialectos de Portugal Continental e Galiza* (Cintra e Rei 1992) que adoptamos e onde inscrevemos o dialecto barrosão, praticamente existente só no registo oral e tradicional e com recolhas lexicais dispersas ou inseridas em trabalhos etnográficos ou romances.

Constituiu um alerta para a importância das características fonético-fonológicas e a necessidade de posteriores recolhas de registos em trabalho de campo, com uma amostra estratificada de falantes e observação da variação interna. A primeira evidência era a oralidade fora da norma padrão; a segunda, a existência como língua falada em contextos familiares e populares a par do português padrão; ou seja, o uso de duas variantes pela mesma comunidade linguística fenómeno linguístico designado por diglossia; a terceira evidência, a existência de zonas de bilinguismo considerando o galego e o castelhano, estudo que posteriormente realizamos (Guimarães 2002).

Porque o objecto principal do presente estudo não são os aspectos fonético-fonológicos do dialecto barrosão, mas os registos lexicais, até pela impossibilidade e falta de tempo, limitamo-nos a salientar que procedemos a um trabalho de campo completamente oral, com recurso a registos em gravações, ou transcrições directas, bem como a aplicação de um questionário linguístico nas escolas de Barroso e fora delas. Para além da recolha de léxico, incluía a leitura do mesmo texto e recolha das gravações identificadas nas diferentes localidades.

¹ Na transcrição fonética, optamos pelo Alfabeto Fonético Internacional, quando possível. Para o português dialetal, seguimos o Alfabeto Fonético do Centro de Estudos Filológicos da Universidade de Lisboa. Na impossibilidade de colocar o sinal diacrítico (.) sob as consoantes fricativas pré-dorsoalveolares surda e sonora [s] e [z] utilizamos os símbolos, das consoantes fricativas alvéolopalatais [ʃ] e [ʒ] do Alfabeto Fonético Internacional (fonte ASAP SILDoulos).

Observamos que existia uma grande variação interna, com aspectos geográficos e variação mesmo em altitude. Ao corpus obtido da tradição oral aplicamos as clássicas regras fonológicas (Troubetzkoy 1939) com a revisão crítica da conhecida teoria dos traços pertinentes (Martinet 1965) para constituir os clássicos pares mínimos e distinguir as variantes livres e combinatórias, tendo em atenção as variantes geográficas locais e a coexistência de sistemas (Barbosa 1994: 99, 103).

Deste modo, e muito sucintamente, como fruto das recolhas e da amostra da tradição oral, e com a aplicação das regras fonológicas, foi possível, em primeiro lugar, isolar fonemas, sobretudo os dialetais e reconstituir sistemas, como as vogais tónicas base, orais e nasais, as vogais átonas ou não acentuadas, o sistema vocálico átono postónico base, o sistema consonântico base, sistemas consonânticos coexistentes internos. Quanto a variantes geográficas locais, registamos 32 para as vogais e 18 para as consoantes, num total de 52 variantes geográficas locais.

Como exemplo de uma variante geográfica local, soidade em vez de saudade em três localidade ou “pobos”.

Tendo em atenção o grau de abertura das vogais, o alfabeto fonético utilizado no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, que se aplica ao português dialetal, considera três graus de abertura: fechado, médio e aberto.

Para se ficar com uma breve ideia, iremos focar só as vogais tónicas orais base do dialeto barrosão, considerando a localização anterior, central e posterior e três graus de abertura: abertura 1 ou fechada, 2/3 ou média e 3 ou aberta.

/i/ - vogal anterior de abertura 1 (fechada) – assistir (atirar):assirrar (irritar).

/û/- vogal posterior menos palatalizada que u – cubo [ˈKûβu]:cabo [ˈKaβu]:

/e/- vogal palatal média - abertura 2/3 – azedo[azɛðu]:asado [azaðu]:

/ɛ/- vogal anterior de abertura 3 – berra[bɛRɐ]:barra [baRɐ]

/o/- vogal labiovelar média – abertura 2/3 – todú[ˈtɔðu]:tudo [ˈtũðu]

[õ] - timbre vocálico (variante) central palatalizado - pouca [ˈpõwkɐ]

/a/ - vogal central de abertura 3 – barra[baRɐ]: berra[bɛRɐ]:²

A oposição entre /e/ e /ɛ/ e entre /o/ e /ɔ/ ou seja entre semifechado semiaberto foi já assinalada no galegoportuguês medieval dos séc. XIII/XIV em posição átona não

² Na impossibilidade de inserir os símbolos das vogais médias, respectivamente /e/ e /o/ com um sinal diacrítico em forma de meia lua por baixo, de acordo com o alfabeto fonético em uso no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, recorremos aos símbolos ɛ ɔ û da fonte Times New Roman, latim estendido - A

final, essencialmente em posição pretónica em que o /e/ e /ɔ/ respectivamente semiabertos e semifechados seriam muito fechados (Teyssier: 1980, 1994: 25) o que abre a hipótese da existência das vogais médias por nós registadas também em posição tónica.

Quanto às consoantes, nos seus traços gerais, registamos as fricativas ou sibilantes ápticoalveolares surda e sonora /s/ e /z/ saba [ˈsaβə] (lençol de linho) zipela [ziˈpələ] (espécie de doença contagiosa) e dosopalatais surda e sonora /ʃ/ e /ʒ/ enxame [ɛ̃ˈʃəmə] jaleca (doença, desfalecimento) [ʒəˈləkə] como no português padrão mas também um par pré-dorsoalveolar respetivamente surda e sonora /ç/ e /ʒ/ como nas palavras já anteriormente referidas [ˈkrɔçə] e [ˈkazə] e as africadas dorsopalatais surda e sonora /tʃ/ e /dʒ/ (esta já muito rara) como nas palavras chega [tʃeɾə] e Jaime [ˈdʒajmə]

A fala barrosã, transmitida oralmente de geração em geração, conheceu mais especificamente alguns espíritos interessados em a começar a recolher e transmitir, na perspectiva linguística e cultural, atribuindo importância ao léxico característico, como foi o caso Fernando Braga Barreiros (1915, 1917), com recolha lexical, e indirectamente focando os falares fronteiriços, por Maria José de Moura Santos (1967) ou focar aspectos etnográficos que incorporavam léxico barrosão, como Monsenhor Gonçalves da Costa (1868), ou o primeiro estudo do Padre António Lourenço Fontes em conjunto com Barroso da Fonte (1972) e posteriormente a própria obra do Padre António Lourenço Fontes (1974, 1975, 1977, 1992, 2005)³ e, em literatura (Machado 1959) sobretudo a vasta e rica obra do escritor Bento da Cruz (1963, 1964, 1993, 1967, 1973, 1991, 1980, 1982, 1996)⁴.

3. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA INTERNA

Considerando os aspectos fonético-fonológicos, de que apresentamos apenas alguns poucos exemplos, após o trabalho de campo durante vários anos, construímos uma amostra estratificada de falantes.

³ É vasta a obra do Padre António Lourenço Fontes que nos cingimos apenas às referências constantes na bibliografia.

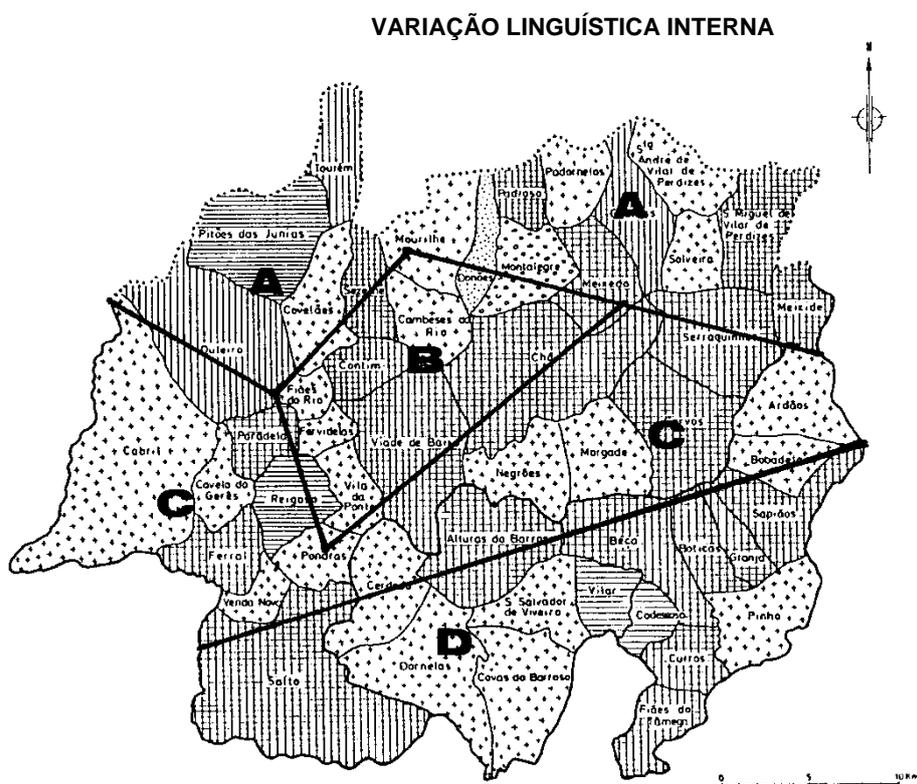
⁴ É vastíssima a obra do escritor Bento da Cruz. Incluímos as referidas, nas quais pesquisamos registos lexicais. Faltam observar as mais recentes, como *Victor Branco* (1995), *Histórias de Lana-Caprina* (1999), *A Loba* (2000), Prémio Eixo Atlântico, *Guerrilheiros Antifranquistas em Trás-os-Montes* (2005), *Lenda de Hiran e Belkiss* e a mais recente, *a Fárria* (2010).

Na altura, e reportamo-nos finais dos anos 90, de acordo com o sensos anterior ao atual de 2001, Barroso tinha mais população e reflete hoje uma pesada desertificação.

De um universo absoluto de 22800 habitantes, retiramos os indivíduos menores de 15 anos, com vista a estabelecer um universo relativo de 18119 habitantes. A amostra linguística da comunidade de fala barrosã teve carácter aleatório de probabilística estratificada, procurando seleccionar os sujeitos tendo por base a proporção com os dados demográficos e socioculturais.

A percentagem da nossa amostra é de 0,55%, na relação de 100 por cada 18119 sujeitos, percentagem muito acima dos requeridos 0,025%; ou seja, 20 vezes superior à amostra que serve de padrão a estudos fonético-fonológicos do género.

Selecionamos os quatro fonemas dialectais mais evidentes e a sua distribuição pelos sujeitos da amostra. Procedemos ao estudo da variação diatópica interna da região de Barroso com aplicação dos métodos estatísticos linguísticos inferencial ou explicativa e aplicação do teste do qui-quadrado para apreciar em probabilidade o desvio, distinguindo quatro zonas de variação linguística interna.



Legenda: A – Zona raiana, B – Zona do rio e de entre rios (Cávado e Rabagão), C – Zona das barragens, D – Zona de Boticas

Das quatro zonas de variação, a zona B, designada por “zona do rio e de entre rios (Cávado e Rabagão) é a que deposita mais características do dialeto barrosão.

4. ASPECTOS LEXICAIS

Quanto ao aspecto lexical, procedemos a recolhas próprias diretamente, ou indiretamente, através de três equipas constituídas, como é característico de trabalhos de dialectologia. O registo era principalmente oral, e depois transcrito com o seu significado e a identificação do informante, se possível, e a localidade.

Outro método aplicado foi a elaboração e distribuição de um questionário linguístico em que testávamos a variação lexical e um questionário linguístico sobre os cereais e o pão, o gado e a carne, que possibilitava a recolha lexical, sobretudo entregue nas escolas para os alunos consultarem os pais e familiares.⁵

Acrescentamos, ainda, as recolhas já realizadas, sobretudo por Braga Barreiros (1915, 1917), Moura Santos (1967), ou léxico barrosão em estudos de etnografia como de Gonçalves da Costa (1868), Fontes e Fonte (1972) e sobretudo a obra do Padre Fontes (1974, 1975, 1977, 1992) e também em literatura, um romance de Montalvão Machado (1959) e sobretudo os romances de Bento da Cruz publicados de 1963 a 1996.

Em relação ao léxico barrosão já registado, tivemos o cuidado de o confirmar junto de pessoas em diversas localidades ou “pobos”. Excluímos, também, o que era do português padrão só o admitindo se adquirisse outro significado.

Obtivemos, assim, um vocabulário ou pequeno dicionário de léxico em uso no dialto barrosão, com 2.600 lemas ou entradas que posteriormente acrescentamos, com recolha de calão, para 2647.

Considerando o léxico como um corpo com diversas idades e proveniências, construámos um aparato crítico de cerca de 40 obras de referência, impossível aqui enunciar (Guimarães 2002: 274-291) 16 delas respeitantes ao galego incluindo 7 dicionários e 12 espécies de glossários galegos e outras obras de referência portuguesas, que nos forneciam informação sobre uso comum, uso em contexto próximo, a sua datação desde antiga linguagem que abrange o português antigo e o português médio (séc.XIV e XV), o português clássico (séc., XVI a princípios de XVII) e princípios do português moderno (finais do séc. XVIII e princípios de XIX).

Estabeleceu-se a seguinte percentagem: princípio do português moderno, 37%, português clássico, 15%, português clássico, 15%, antiga linguagem, 11%, termos de barroso, 37%.

⁵ Vide apêndice “Recolha e variação lexical, contacto de línguas-pronúncia” In: Guimarães, Rui Dias (2002): *O Falar de Barroso – O homem e a Linguagem*. Mirandela: João Azevedo Editor, pp. 620-638.

Quanto ao uso diatópico contextual, 43% comum ao galego, 15% comum ao contexto transmontano próximo, 6% comum ao contexto minhoto-transmontano próximo, 4%, contexto fronteiroço transmontano e 32% de barrosismos ou termos de Barroso.

5. CONCLUSÃO

Assente na oralidade, o dialeto barrosão, falado em Portugal na região de Barroso, no noroeste da província de Trás-os-Montes e Alto Douro, transfronteiriça com a Galiza, é fruto de uma comunidade cultural com personalidade linguística própria.

É possível inscrevê-lo no Mapa dos Dialectos de Portugal continental e da Galiza (1992) segundo Lindley Cintra e Fernandez Rei. O seu percurso de oralidade é longo. Leite de Vasconcelos (1929) assinala já a variedade de Boticas, em Barroso e posteriormente Paiva Boléo (1958).

Leite de Vasconcelos distingue já cinco fonemas dialetais do barrosão: [û], palatalizado mas menos palatalizado que [ü], [ʼtũðu], o timbre vocálico [ö] no ditongo [öw] as fricativas predorsoalveolares surda e sonora [ç] [ʒ] como em [ʼkrɔçɐ] e [ʼkazɐ], e as africadas dorsopalatais surda [tʃ] como em [tʃɛɐɐ] Registamos a africada dorsopalatal sonora Jaime [dʒ] como em Jaime [ʼdʒajmɐ] mas com muito pouco uso.

A região conhece uma assinalável variação interna e as características mais próprias do dialto barrosão situam-se na “zona do rio ou de entre rios” (Cávado e Rabagão) no Alto Barroso, em torno da localidade Cambezes.

Elaboramos um glossário ou pequeno dicionário com 2.647 lemas ou entradas, grande parte recolhidas da oralidade e outra da incorporação de recolhas anteriores.

Após a construção de um aparato crítico adequado, visando identificar cada entrada no espaço e no tempo, constatamos que 37% do léxico pertence ao princípio do português moderno, aquando da fixação lexical, 15% ao português clássico, 11% à antiga linguagem e 37% são termos de barroso ou barrosismos.

As vantagens em conhecer esta dimensão da oralidade consistem em aprofundar o conhecimento matricial da língua portuguesa. Em nosso entender, precisa de mais desenvolvimentos.

A eventual aplicação deste património cultural imaterial, do cariz matricial da língua portuguesa, consiste no reforço da identidade local e nacional.

Referências bibliográficas

- Atlas Linguístico da Península Ibérica -ALPI* (1962). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, vol. I Fonética, 15 pp.
- Argot, Jerónimo Contador D'Argot (1725): "Quarta Parte de Grammatica Portugueza – Cap. I. , “Dos Dialectos da Língua Portugeza”. In: *Regras da Língua Portugueza, Espelho da Língua Latina*. Lisboa: Officina da Música.
- Barbosa, Jorge Morais (1984): *Introdução à Fonologia e Morfologia do Português*. Coimbra: Almedina.
- Barreiros, F. Braga (1916): *Tradições Populares de Barroso*”. In: *Revista Lusitana*, vol. XIX. Lisboa-Porto, pp. 76-133.
- _____(1917): “Vocabulário Barrosão” In: *Revista Lusitana*, vol. XX. Lisboa: Livraria Clássica Editora, pp. 239-303, de A-E.
- _____(1937): *Vocabulário Barrosão*” In: *Revista Lusitana*, vol. XXXV. Lisboa: Clássica Editora, pp. 239-303, de F-Z.
- Boléo, M. Paiva e Maria H. Santos Silva (1942). *Inquérito Linguístico*. Coimbra: Universidade de Coimbra. [Ficou conhecido como *Inquérito Linguístico Boléo – ILB*.]
- _____(1961): *Mapa dos dialectos e falares de Portugal continental*. Sep. das *Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica*, vol III. [*Boletim de Filologia*, tomo XX, 1961, fasc. 1-2. Regista a demarcação linguística da região natural de Barroso mas não a estuda.].
- Bluteau, D. Raphael (1712-1713, 1727-1728): *Vocabulario Portuguez e Latino*. Lisboa: Off. Da Musica.
- Cintra, Lindley (1971): “Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses” In: *Boletim de Filologia* , pp. 81-116.
- _____(1984): *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.
- Cintra, Lindley e Fernandez Rei (1992): “Mapa dos Dialectos Portugueses e Galegos” In: *Atlas da Língua Portuguesa na História e no Mundo*. Lisboa: Comissão para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses/IN-CM/União Latina
- Cruz, Bento da (1963): *Planalto em Chamas*. Lisboa: Arcádia.
- _____(1964): *Ao Longo da Fronteira*. Lisboa: Arcádia.
- _____(1967): *Filhas de Loth*. Chaves: A. Gutemberg, 3ª ed. Lisboa: Editorial Notícias.
- _____(1973): *Contos de Gostofrio*. Porto: Livraria Paisagem.
- _____(1991): *Histórias da Vermelhinha*. Lisboa: Ed. Domingos Barreira.
- _____(1980): *O Lobo Guerrilheiro*.Lisboa: Editorial Notícias.
- _____(1982): *Planalto de Gostofrio*. Lisboa: Editorial Notícias. Inclui prefácio de Óscar Lopes).
- _____(1996): *Retábulo das Virgens Loucas*. Lisboa: Editorial Notícias
- Fontes, A. Lourenço e Barroso da Fonte (1974):*Usos e Costumes de Barroso*. Montalegre: Câmara Municipal. [Em colaboração com Alberto Machado].
- Fontes, A. Lourenço (1975,1977): *O Culto Romano em Vilar de Perdizes*”. In: *Correio do Planalto*. Montalegre.
- Fontes, A. Lourenço (1977): *Etnografia Transmontana – O Comunitarismo de Barroso*, vol. II. Montalegre: Câmara Municipal.
- _____(1992): *Etnografia Transmontana – Crenças e Tradições de Barroso*, 2ª ed. vol I. *Etnografia Transmontana - O Comunitarismo de Barroso*, vol. II. Lisboa: Editorial Domingos Barreira. [Trata-se do mais importante estudo etnográfico sobre o Barroso. Contém muito léxico].
- Fontes, A. Lourenço e João Sanches (1999): *Medicina Popular – Ensaio de Antropologia Médica*, 2ª ed. Lisboa: Âncora Editora.
- Fontes, A. Lourenço e Barroso da Fonte (2005): *Usos e Costumes de Barroso*, 2ª edição. Lisboa: Âncora Editora.
- Guimarães, Rui Dias (2002): *O Falar de Barroso. O Homem e a Linguagem- Fonética e léxico*. Mirandela: João Azevedo editor.
- Machado, Montalvão (1959): *O Arcipreste de Barroso*.Porto. [Novela regionalista com um “glossário” dos regionalismos em uso na região de Barroso. Pp. 159-169.].
- Martinet, André (1967): *Éléments de Linguistique Générale*. Paris: Librairie Armand Colin Trad.

- Elementos de Linguística Geral*. Lisboa: Sá da Costa, 6ª ed. 1975.
- _____(1965): *La linguistique synchronique. Études et recherches*. Paris: PUF, 3ª ed. actualizada, 1970.
- Oliveira, Fernão de (1536): *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Lisboa. [Torres, Amadeu e Carlos Assunção (ed) (2000): *Gramática da Linguagem Portuguesa*. Edição crítica, semidiplomática e anastática.: Lisboa: Academia de Ciências.
- Santos, Maria José de Moura (1967): *Os Falares Fronteiriços de Trás-os-Montes*. Coimbra: Universidade de Coimbra. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vols XII, tomo II, XIII e XIV. Dissertação de licenciatura.
- Troubetzkoy, N. S. (1949): *Principes de Phonologie*. Paris: Klincksieck.
- Vasconcelos, J. Leite de (1890, 1892, 1895): “Dialectos transmontanos”. In: *Revista Lusitana*, vol. II, Lisboa, 18290-1892, pp. 97-120; vol. III, Lisboa, 1985, pp. 57-74.
- _____(1893). *Carta Dialectológica do Continente Português*. Lisboa.
- _____(1901): *Esquisse d’une Dialectologie Portugaise*. Paris: Sorbonne.[Vasconcelos, J. Leite de
- _____(1987): *Esquisse d’une Dialectologie Portugaise*.Lisboa: INIC. Edição póstuma.
- _____(1929): “Línguas Raianas de Trás-os-Montes (notas sucintas)”. In: *Opúsculos*, vol. IV. Coimbra: Universidade, pp. 725-731.
- _____(1929): “Mapa Dialectológico Português”. In: *Opúsculos-Filologia*, vol. IV, parte 2ª. Coimbra: Universidade.
- _____(307-309): “Linguagens Fronteiriças”. In: *Revista Lusitana*, vol. 33, pp. 307-309.
- _____(1985): *Opúsculos-Dialectologia*, vol. VI, parte 2ª. Lisboa: INIC. Retoma a terceira e última versão do “Mapa Dialectológico Português” que data de 1929, onde “demarcou” a variedade de Boticas.